

# “O capitalismo estimula gastos desnecessários”, eles dizem...

[institutoliberal.org.br/blog/teoria-economica/o-capitalismo-estimula-gastos-desnecessarios-eles-dizem/](http://institutoliberal.org.br/blog/teoria-economica/o-capitalismo-estimula-gastos-desnecessarios-eles-dizem/)

Rainer Zitelmann

23/07/2023

Em sua encíclica de 2015 *Laudato si*, uma acusação ardente ao capitalismo, o Papa Francisco proclamou: “Como o mercado tende a promover o consumismo extremo em um esforço para vender seus produtos, as pessoas podem facilmente ficar presas em um ciclo de um turbilhão de compras e gastos desnecessários. O consumismo compulsivo é um exemplo de como o paradigma tecnoeconômico afeta os indivíduos”. De forma semelhante, o sociólogo suíço Jean Ziegler escreveu: “A sociedade do consumidor é baseada em alguns princípios simples: seus membros são clientes que são seduzidos a comprar, consumir e jogar fora bens em números cada vez maiores, e atraídos a adquirir novos bens, mesmo quando realmente não precisam deles”.

Tal crítica ao consumismo não é novidade. Quando a tese de que o capitalismo leva ao empobrecimento das grandes massas da classe trabalhadora foi refutada pelos desenvolvimentos nos Estados Unidos e na Europa Ocidental após a Segunda Guerra Mundial, a “Nova Esquerda” praticamente contornou o argumento: O verdadeiro mal do capitalismo não era muito pouco, mas muito consumo, eles alegaram. Falou-se até de “o terror do consumo”. Isso envolveu as empresas capitalistas primeiro, criando artificialmente “necessidades” entre os consumidores por meio da publicidade e, em seguida, satisfazendo-os parcialmente com bens baratos e inferiores, no epítome da “sociedade descartável”.

O filósofo britânico Roger Scruton caracterizou a crítica à “superabundância” e à “sociedade de consumo” quando escreveu: “Esta história transforma a prova de nossa liberdade – ou seja, que podemos obter o que queremos – na prova de nossa escravidão, já que nossos desejos não são realmente nossos”.

Para os intelectuais – seja à esquerda ou à direita do espectro político -, criticar o consumismo foi e é um meio de se distinguir tanto da elite econômica quanto das grandes massas. Os intelectuais, os portadores da crítica ao consumismo impulsionado pelos capitalistas, desprezam fundamentalmente todos que não são como eles: as massas, que se entregam ao consumo superficial, e os capitalistas, que também não têm a educação e a cultura certas. Esses críticos postulam que tanto as massas quanto os capitalistas estão unidos pelo materialismo desdenhoso, que contrasta completamente com o idealismo dos verdadeiros valores e da cultura elevada que caracterizam a burguesia instruída.

As críticas ao capitalismo do consumidor continuam a ser formuladas por intelectuais até os dias atuais, e estão se tornando cada vez mais estridentes e implacáveis. Em 2009, o autor britânico Neal Lawson publicou um artigo no *The Guardian* sob o título “Queremos fazer

compras ou ser livres? É melhor escolhermos rápido”. Sua crítica: “Consumimos para comprar identidade, ganhar respeito e reconhecimento e garantir *status*. Fazer compras é a maneira predominante pela qual nos conhecemos e nos conhecemos, e está a ponto de descartar outras maneiras de ser, conhecer e viver ... O mercado compete como um tubarão; não tem moralidade, mas se alimenta incessantemente de nós para nos fazer comprar mais, porque as vendas e os lucros devem subir e subir”.

Um equivalente à crítica de Lawson pôde ser visto no Arquipélago Gulag, na rede de trabalhos forçados e campos de concentração na União Soviética de Stalin, onde milhões morreram, com a marca de luxo italiana Gucci, que ele considera a encarnação do capitalismo de consumo: “O totalitarismo, uma sociedade onde as alternativas são descartadas, deveria ter chegado nas botas da esquerda comunista ou da direita fascista. Agora chega com um sorriso no rosto enquanto nos seduz para mais uma compra. As botas estão na cor e no estilo desta temporada. Somos observados, gravados e ordenados não por nossas crenças políticas, mas por nossos desejos de compras. O *gulag* é substituído pela Gucci”.

Claro, o capitalismo cria toda uma série de produtos que você ou eu chamaríamos de inúteis e supérfluos, simplesmente porque são inúteis e supérfluos para nós pessoalmente. Mas o capitalismo é um sistema livre e democrático, pois permite que as pessoas decidam por si mesmas o que precisam ou não precisam (com exceção de produtos que são proibidos por uma boa razão, como pornografia infantil). A alternativa seria uma economia de comando administrada pelo governo, na qual políticos e funcionários públicos decidem quais produtos as pessoas precisam ou não. Ludwig Erhard, que introduziu a economia de mercado na Alemanha Ocidental após a Segunda Guerra Mundial, uma vez observou ironicamente sobre os críticos da sociedade de consumo capitalista: “Se as mulheres querem cucos em seus chapéus, deixe-as ter cucos. Certamente não estou prestes a proibir a produção de chapéus decorados com cucos”.



Faça uma doação para o Instituto Liberal. Realize um PIX com o valor que desejar. Você poderá copiar a chave PIX ou escanear o QR Code abaixo: